

Reseña bibliográfica:

Elucubraciones sobre a hermenêutica de Gadamer, sua crítica ao Método e as pretensões anti-anacrônicas

Resenhas dos livros:

GADAMER, Hans-George (2003). *O problema da consciência histórica*.

Rio de Janeiro: Editora FGV.

GADAMER, Hans-George (1997). *Verdade e método*.

Petrópolis: Vozes.

Bernardo Lazary Cheibub e Ana Maria Cheibub

Embora não sejam novidades bibliográficas, os dois livros fundamentais da obra de Hans-Georg Gadamer aqui resenhados são considerados “clássicos” do fenômeno da compreensão que merecem ser revisitados e debatidos na atualidade; um dos maiores expoentes da filosofia da Hermenêutica pode ser uma boa “saída” para a produção de conhecimento diante de dois movimentos ainda majoritários na pesquisa científica: o fetichismo do método e os modismos teórico-epistemológicos (informação verbal¹).

O filósofo suprarreferido, nos seus livros *O Problema da Consciência Histórica* (2003) e *Verdade e Método* (1997), questiona a concepção reducionista de atividade científica, oriunda do positivismo, conhecida como Método Científico (com letras maiúsculas), em que leis e teorias são estabelecidas por indução, sendo interpretado como um procedimento definido, testado, confiável para se chegar a um conhecimento científico único e inquestionável. Este consistiria em compilar fatos através de observação e experimentação cuidadosas e em derivar, posteriormente, leis e teorias a partir destes fatos mediante algum processo lógico. Neste entendimento, a prática científica é vista como algo desconectado da realidade, como se o saber científico não tivesse raízes em meios sociais, ideológicos e históricos (Santos apud Teixeira, 2003). A ciência é retratada como uma atividade neutra, desprovida de valores. As condições sob as quais o conhecimento científico é construído e validado não são questionadas e à ciência é atribuído um caráter de atividade desprovida de ambigüidades e contradições (Bonito, 2007). Nesta dinâmica, o cientista é entendido como um ser neutro, “[...] gênio isolado que descobre teorias, omitindo-se o papel da comunidade científica na construção e validação destas teorias” (Campos; Cachapuz, 1997: 23).

Originária das Ciências Exatas, esta visão fortemente indutivista de Método Científico tem recebido numerosas e contundentes críticas, e na atualidade está desacreditada em vários setores. Para Gadamer, a “crença” de que um único método, independente do contexto social, cultural e histórico, poderia comprovar ou não determinada hipótese, influenciou intensamente o trabalho de pesquisa das ciências humanas. Ao descrever o caminho da visão científica

¹ Fala do prof. Lattman-Weltman na disciplina História e Teoria Social, Cpdoc/FGV, em junho de 2011.

supracitada pelas diversas áreas do saber, Gadamer alega que se passou a acreditar que: “Mesmo nas ciências morais o que importa é reconhecer a uniformidade, a regularidade, a legalidade, que tornam previsíveis os fenômenos e processos individuais” (1997: 40).

O positivismo foi o principal paradigma científico na propagação desta concepção metodológica. De acordo com Trivinos: “O positivismo estabeleceu distinção muito clara entre valor e fato. Os fatos eram objeto da ciência. Os valores, como não eram ‘dados brutos’ e apenas expressões culturais, ficavam fora do interesse do pesquisador positivista, nunca podiam constituir-se num conhecimento científico” (1995: 35). A imagem de ciência mantida pela sociedade ainda hoje é fortemente impregnada pela visão positivista. Chibeni (2006) atenta que há um grande respeito pela metodologia científica. O que é provado cientificamente tem credibilidade. “Assume-se, implícita ou explicitamente, que por detrás desse sucesso existe um método especial que, quando seguido, redundando em conhecimento certo, seguro.” (Chibeni, 2006: 1). Este conceito de fazer científico compreendido socialmente como bom e verdadeiro influenciou e pressionou as ciências humanas que almejavam o *status* atribuído às ciências exatas, fruto de suas “descobertas” científicas, sobretudo nos séculos XIX e XX. Gadamer enfatiza: “É verdade que as ciências humanas procuram permanentemente apoio na filosofia contemporânea, mas não é menos verdade que, para se assegurarem de uma boa consciência científica, tais ciências continuam atraídas pelo modelo das ciências da natureza quando elaboram seus métodos histórico-críticos” (2003: 21). Carlo Ginzburg comenta que: “A orientação quantitativa e antiantropocêntrica das ciências da natureza a partir de Galileu colocou as ciências humanas num desagradável dilema: ou assumir um estatuto científico frágil para chegar a resultados relevantes, ou assumir um estatuto científico forte para chegar a resultados de pouca relevância” (1989: 178). As ciências humanas deveriam subtrair-se ao dilema exposto por Ginzburg, até porque parece-nos um dilema ilusório. “Cabe perguntar se um método que autoriza a si mesmo afastar-se do campo investigado não leva, nas ciências humanas, a uma compreensão equivocada do modo de ser específico de seu próprio campo” (Gadamer, 2003: 22). Na opinião de Chibeni, estatutos científicos fortes ou fracos não estarão necessariamente relacionados aos resultados obtidos.

Gadamer ratifica a ideia de que os métodos aplicados às ciências exatas não podem ser linearmente copiados pelas ciências humanas. As ciências da natureza constituem um modelo para as ciências humanas somente na medida em que as últimas se submetam ao ideal de um valor científico autônomo e fundado. A autonomia não tem necessariamente a ver com a busca de regularidades. Para o autor, a imagem de que a descoberta de regularidades realiza um progresso efetivo nas ciências humanas não faz mais do que encobrir o verdadeiro problema posto por essas ciências: “[...] pois o que quer que se entenda por ciência não será encontrando regularidades, nem as aplicando aos dados históricos, que se apreenderá o elemento específico do conhecimento histórico” (2003: 23).

Também não se trata de criar um método específico aplicado às ciências humanas. Trata-se de fazer justiça a uma ideia inteiramente diferente de conhecimento e de verdade (Gadamer, 2003: 20). Para Gadamer: “É o próprio objeto que deve determinar o método apropriado para investigá-lo” (2003: 21). Isto nos aboca de imediato: não tem método que pode “tirar” o pesquisador das dificuldades da interpretação. Por isso, é preciso uma adequação entre metodologia e objeto – caminhando na(s) tentativa(s) de erro e acerto. Ou seja, controlar o método, e não fazer mau uso dele; assim como escolher o referencial teórico e não ser escolhido por ele.

Para além de um método, a dialética Hegeliana nos fala da reflexividade: a necessidade e capacidade de estranhar a si mesmo e o outro. Para uma reflexividade da condição histórica (e que faz parte da consciência histórica) é necessário ter uma atitude compreensiva: mais do que explicar determinado fenômeno, procurar entender as razões e as variáveis que constroem o seu sentido. Esta é a base da Hermenêutica, que segundo Gadamer, não seria uma metodologia das ciências humanas, mas uma tentativa de compreender as ciências humanas.

Diante disso, questionamos: seria possível não olhar com seus próprios olhos, crenças, juízos, valores, preconceitos, gostos, sentidos, e especialmente sua formação, se despreendendo do seu contexto sócio-cultural-temporo-espacial-político?

A discussão de como se interpreta a história só existe porque a realidade é complexa. Até aqui, amparado por Gadamer, fica evidente que “o saber hermenêutico deve recusar um estilo objetivista de conhecimento.” (1998: 49). “O objetivismo é uma ilusão. Mesmo como historiadores, quer dizer, como representantes de uma ciência moderna e metódica, somos membros de uma cadeia ininterrupta graças à qual o passado nos interpela” (1998: 50). A base analítica de Gadamer sustenta uma severa crítica ao objetivismo. Isso não significa que o autor defenda um subjetivismo sem controle, até porque parece-nos impossível ser plenamente subjetivista, “livre” para interpretar subjetivamente e reescrever a história desrespeitando as evidências.

Para Gadamer: “O aparecimento de uma tomada de consciência histórica constitui provavelmente a mais importante revolução pela qual passamos desde o início da época moderna” (2003: 17). O filósofo define o senso histórico como “a disponibilidade e o talento do historiador para compreender o passado, talvez mesmo ‘exótico’, a partir do próprio contexto em que ele emerge”. Grosso modo, se fala em “vestir os sapatos do ‘morto’”. Será isto realmente possível, na prática da pesquisa histórica?

Como vimos anteriormente, um método estritamente racional (e inclusive sua criação) não é possível porque desconsidera o que vivemos e entendemos do mundo. Não é possível desconsiderar completamente a tradição (podemos traduzi-la por cultura, no sentido antropológico do termo, mais abrangente), pois ela é o que nos forma. Gadamer reverbera isso ao afirmar: “Pois é precisamente o que temos em comum com a tradição com a qual nos relacionamos que determina as nossas antecipações e orienta a nossa compreensão” (2003: 59).

Para Interpretarmos a realidade (ou “dar nome” a realidade), é imprescindível compreender o ato de compreender: “conheço, me conheço e conheço a realidade”. Nessa perspectiva, Gadamer expõe: “É ao realizarmos tal atitude que damos ao texto a possibilidade de aparecer em sua diferença e de manifestar a sua verdade própria em contraste com as idéias preconcebidas que lhe impúnhamos antecipadamente” (2003: 60). Idéias estas construídas pelo o que Gadamer (1997) denomina de Conceitos-guia humanísticos:

- a Formação - constituída não apenas pela erudição e simples acumulação de conhecimento, mas por tudo aquilo que nos forma na dialética do particular com o universal;
- o Senso Comum - que fala através de nós; diferentemente da conotação negativista que carrega, o termo é oriundo etimologicamente da palavra *phronesis*, que significa prudente – típico de pessoas sensatas ou então quando nos referimos a expressão “ter bom senso”;
- o Juízo - que adéqua a maneira como percebemos determinado fenômeno, fazendo sentido e julgando-o com base no senso comum, tornando o mundo simbolicamente, politicamente, economicamente, socialmente e eticamente organizado;
- e o Gosto - que nada mais é do que a capacidade de juízo, de julgar as coisas, ou nas palavras de Gadamer (1997), o usufruir da receptividade e da rejeição, um meio termo entre o instinto e a liberdade espiritual.

Ainda podemos avançar, ao enxertarmos nessa discussão a questão da distância temporal no trabalho da pesquisa histórica. Na opinião de Druysen, “não existe certamente nenhum domínio científico que seja – teoricamente falando – tão pouco justificado, tão pouco circunscrito e articulado quanto o domínio da história” (apud Gadamer, 2003: 25). Especialmente porque a história concretamente não existe; ela é uma ideia: “[...] o objeto histórico, no sentido autêntico do termo não é um ‘objeto’, mas a unidade de um e de outro. [...] a realidade histórica de um lado, e a realidade da compreensão histórica de outro” (1998: 71). Por isso o ato de compreender é aquilo de mais importante na interpretação do passado: “Compreender é operar uma mediação entre o presente e o passado, é desenvolver em si mesmo toda a série contínua de perspectivas na qual o passado se apresenta e se dirige a nós” (2003: 71). Para tal, tem que se respeitar o tempo. A Consciência histórica se dá porque a distância existe. E este horizonte é o campo de visão do historiador; na medida em que ele vai descortinando, a sua própria percepção vai mudando.

Entre suas argumentações, Gadamer fala do intérprete, que “encontra-se suspenso entre o seu pertencimento a uma tradição e a sua distância com relação aos objetos que constituem o tema de suas pesquisas” (2003: 67). Porém Gadamer deixa claro que não há desconsideração daquilo que o intérprete viveu e vive culturalmente. Pelo contrário, isto é posto conscientemente e eticamente em “jogo”, durante a construção hermenêutica. Sendo assim, perguntas como “Porque eu faço esta interpretação?”, “Quem sou eu?”, “Qual a minha cultura?”, “Porque estou fazendo esta leitura?”, “Se eu não fosse assim, como estaria pensando?” fazem parte (e ajudam a construir) do que o filósofo alemão chama de círculo hermenêutico (2003) ou fusão de horizontes (1997).

Após esta explanação de Gadamer, perguntamos: é possível não ser anacrônico? A pesquisa histórica conseguiria subtrair-se ao anacronismo? “[...] a verdadeira intenção do conhecimento histórico não é explicar um fenômeno concreto como caso particular de uma regra geral, mesmo que esta última fosse subordinada aos desígnios puramente práticos de uma eventual previsão” (Gadamer, 2003: 23). Destrinchando um pouco mais esta idéia, Gadamer lança: “O que interessa ao conhecimento histórico não é saber como os homens, os povos, os Estados se desenvolvem em geral, mas, ao contrário, como este homem, este povo, este Estado veio a ser o que é; como todas essas coisas puderam acontecer e encontrar-se aí” (2003: 24). De outra forma ele sentencia: “como pode ter acontecido que agora é assim” (1997: 41). Esta percepção de antemão é problemática, mesmo com toda espécie de tato, de sensibilidade, necessárias ao historiador (Helmholtz apud Gadamer, 2003). Não é fácil sair do seu “lugar”, como bem nos diz Gadamer: “Vê-se em que sentido podemos dizer que a intenção hermenêutica implica sempre um deslocamento em direção a uma questão de outra ordem” (2003: 63). Logo, “uma consciência formada pela autêntica atitude hermenêutica é sempre receptiva às origens e características totalmente estranhas de tudo aquilo que lhe vem de fora” (2003: 63).

Ao assumir os preconceitos - aquilo que a princípio não questionamos nem substituímos, e que só podemos deixar modificar pela experiência -, as relações de autoridade e poder existentes - como um ato de reconhecimento e de conhecimento, de que o outro está acima de nós em juízo e perspectiva, “e que, por consequência, seu juízo precede, ou seja, tem primazia em relação ao nosso próprio” (Gadamer, 1997: 419) - e o peso das tradições, abrem-se possibilidades para também enfrentarmos alguns dos problemas mais “concretos” da pesquisa historiográfica: qual a duração do período estudado? Quais as maneiras de abordar e interpretar as diferentes fontes obtidas?

Ao fim e ao cabo, qual a grande contribuição que Gadamer traz ao ato de pesquisar? Talvez ajude o pesquisador a entender a si próprio enquanto historiador; talvez auxilie a perceber os limites (textos e contextos), as continuidades e rupturas do fenômeno pesquisado.

Referências Bibliográficas

BONITO, J. (2007). "Da Nova Filosofia da Ciência ao Ensino da Ciência". In: *Livro de Homenagem ao Prof. Manuel Patrício*, Universidade de Évora. Disponível em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/1334/1/Bonito_08.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2011.

CAMPOS, C.; CACHAPUZ, A. (1997). "Imagens de Ciência em manuais de química portugueses". *Química Nova na Escola*, N.6, p.23-29.

CHIBENI, S. (2006). "Algumas observações sobre o "método científico"". *Notas de Aula UNICAMP*. Disponível em < <http://www.unicamp.br/~chibeni/textosdidaticos/metodocientifico.pdf> > Acesso em 10 ago. 2011.

GADAMER, H.-G. (2003). *O problema da consciência histórica*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

GADAMER, H.-G. (1997). *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes.

GINZBURG, C. (1989). *Mitos, Emblemas, Sinais*. São Paulo: Companhia das Letras.

TRIVINOS, A. N. S. (1995). *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Editora Atlas.

TEIXEIRA, P. M. M. (2003). "A educação científica sob a perspectiva da pedagogia histórico-crítica e do movimento C.T.S. no ensino de ciências". *Ciência & Educação*, v. 9, N. 2, p. 177-190.

Autor y Autora.

Bernardo Lazary Cheibub

Universidade Federal Fluminense, Brasil.

Doutor em História, Política e Bens Culturais pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, com doutorado sanduíche na Universidade de Surrey, Inglaterra. Docente do quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Turismo, ministrando a disciplina de Epistemologia.

E-mail: bernardocheibub@id.uff.br

Ana Maria Cheibub

Universidade Federal Fluminense, Brasil.

Doutora em Química pela Universidade Federal Fluminense. Mestre em Ciências em Química pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Licenciatura e Bacharelado em Química pela Universidade Federal Fluminense. Experiência acadêmico-profissional em Epistemologia, História da Química e nas vertentes mais atuais do Ensino de Ciências.

E-mail: anamariacheibub@gmail.com

Citado.

LAZARY CHEIBUB, Bernardo e CHEIBUB, Ana Maria (2021). Elucubrações sobre a hermenêutica de Gadamer, sua crítica ao Método e as pretensões anti-anacrônicas. *Revista Latinoamericana de Metodología de la Investigación Social – ReLMIS*, N°21, Año 11, pp.82-86.

Plazos.

Recibido: 09/12/2019. Aceptado: 20/07/2020.